

DIFICULDADE DA POESIA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

João Mostazo

DIFICULDADE DA POESIA

Ensaaios de literatura brasileira
contemporânea

EDITORIA UNICAMP

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

L881d Lopes, João Gabriel Mostazo, 1991-
 Dificuldade da poesia : ensaios de literatura brasileira
 contemporânea / João Mostazo – Campinas, SP : Editora da
 Unicamp, 2025.

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. 3. Dificuldade
de aprendizagem. 4. Formação. I. Título.

CDD – B869.15
 – B869.93
 – 371.914
 – 370

ISBN: 978-85-268-1798-2

Copyright © by João Mostazo
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Prólogo: os três c's de crise	7
1. Dificuldade da poesia.....	15
2. Impotência, opacidade e vício de origem	53
3. O pesadelo da exaustão formativa.....	81
4. Organizando cacos	117
5. A dúvida como tradição.....	139
6. Uma epopeia sem <i>epos</i>	173
7. Entrada na noite total.....	189
8. Do ponto de vista do futuro	213
9. Forma narrativa e condição periférica	229
10. Agromodernidade.....	249
Notas sobre os textos.....	255
Referências bibliográficas	257

PRÓLOGO

OS TRÊS C'S DE CRISE

Há alguns anos se discutia muito sobre a perda de sentido da poesia. Ao longo dos primeiros dez ou quinze anos deste século, era comum ouvir a pergunta feita por jornalistas a poetas e a críticos literários, por críticos a poetas, e, quem sabe, por poetas a si mesmos: *Qual é o lugar da poesia hoje?* A pergunta era capciosa, pois guardava como pressuposto o fato, dado por evidente, de que a poesia havia perdido a imediatidade da sua razão de ser, ou, mais precisamente, de que a sua experiência agora era de deslocamento ou inadequação. As explicações para essa perda de sentido variavam – da cacofonia dos discursos da sociedade de consumo à substituição do livro em papel pelas mídias digitais, do “fim das grandes narrativas”, que implicava a perda de sentido épico e coletivo da representação poética, à velocidade do mundo contemporâneo, que não permitiria mais o tempo e a paciência necessários ao cultivo de leitores e sujeitos líricos. No entanto, pouco se refletia sobre o porquê dessa pergunta – o que ela queria dizer sobre a nossa própria relação com a poesia, e, sobretudo, o que dizia sobre a relação da literatura consigo mesma? Diante de um cenário herdado da produção das últimas duas décadas do século XX, marcado pela multiplicidade de formas e pela ausência de movimentos literários, parte da crítica, como constatava Marcos Siscar, mantinha a poesia “sob suspeita”, desconfiada da sua capacidade de tratar das grandes questões do tempo e do espírito,

vendo-a conformada ao retrato do cotidiano, que, ainda que de bom resultado, só podia significar um rebaixamento do horizonte que ela outrora teria tido. No Brasil, Silviano Santiago expressou essa sensação em um ensaio de 2001 intitulado “As ilusões perdidas da poesia”, no qual prevê que, já incapaz de atender às grandes questões da existência, as quais teriam sido relegadas às ciências e às teorias da informação, ao poeta só sobraria “o opaco e enigmático dia a dia de sua vida”.¹ A desconfiança não era nova, e com efeito repisava as críticas feitas à poesia décadas antes, a exemplo do notável ensaio “Poesia ruim, sociedade pior”, de Vinícius Dantas e Iumna Maria Simon, e de “A nova poesia brasileira e a poesia”, de Dantas, nos quais a produção poética dos anos 1980 já era avaliada em termos similares.²

Ao mesmo tempo, a suspeita sobre a “perda de função” da poesia, e da literatura de modo geral, convidava a refletir sobre qual seria essa função afinal perdida. Ao longo de toda a sua formação, no século XVIII com o arcadismo, no XIX com o romantismo e no XX com o modernismo, o papel da literatura brasileira esteve intimamente vinculado à construção nacional, à afirmação da independência cultural do Brasil e à tentativa de conferir sentido próprio à particularidade brasileira. No “caos” contemporâneo, o que desaparece como função, no limite, é esse papel a que ao longo da sua história a literatura se prestou, o que diz menos da literatura e mais do país. Por sua vez, nos últimos 50 anos duas consciências foram se formando na produção literária brasileira: de um lado, a progressiva constatação do esgotamento e da ineficácia dos projetos de construção nacional; de outro, o deslocamento de ponto de vista lançado sobre o país, agora visto por aqueles excluídos da sua formação, dando ensejo

1 Santiago, 2001, *apud* Siscar, 2010a.

2 Dantas & Simon, 1985; Dantas, 1986. Para um balanço de fôlego a respeito do ensaio, e da poesia dos anos 1970-1980 de modo geral, ver o recente estudo de Viviana Bosi (V. Bosi, 2021).

a uma larga produção literária escrita na intersecção de perspectivas femininas, negras, periféricas e dissidentes, que tem por ação também a recuperação de autores e autoras que a história literária renegou. Em certo sentido, a literatura contemporânea é uma que se volta muito mais para o passado do que para o futuro do país, de modo menos a construir uma nação e mais a reavaliar a sua formação. De fato, do ponto de vista dos sujeitos historicamente excluídos, a função da literatura como instrumento de construção nacional nunca teve muito sentido, pois cumpre pensar, antes de tudo, que construção era aquela, e, principalmente, à custa de quem qualquer coisa como uma “nação brasileira” se formou. Nos últimos anos, ainda, vemos a progressiva formulação do esvaziamento do horizonte de construção nacional, cada vez mais presente na produção a partir dos anos 2010, a qual, à diferença das décadas anteriores, passou a colocar no centro da reflexão novamente o Brasil e, por consequência, voltou a se interessar – ainda que negativamente – pelo presente e pela história coletiva nacional.

Ainda no final dos anos 2000, Siscar apontava para a necessidade de deslocar a pergunta “qual é o lugar da literatura hoje?” da poesia para o próprio discurso crítico, e passar a ver como “crise poética” a crise da escrita no contemporâneo, que de modo geral incluía também a crítica:

“A poesia” torna-se o nome daquele lugar discursivo em que a linguagem crítica obsessivamente manifesta um questionamento sobre a situação contemporânea, por meio do qual a crítica, de certo modo, numa espécie de monólogo dramático, lamenta a falta de grandes questões, de comprometimento, de negatividade compatível com a crise que fundamenta esse vazio. “A poesia”, no discurso da crítica, é o topônimo da carência que perturba. Quero dizer com isso que o incômodo da crítica não é substancialmente diferente daquele atribuído à poesia; talvez seja uma extensão dele, uma extensão que considero necessária e

comovente. [...] Por isso, a crise da poesia deve ser pensada em paralelo com a crise que se atribui hoje à própria crítica. [...] Em outras palavras, a poesia não é a única vítima do “caos” do contemporâneo. A crítica também paga seu preço, e isso se manifesta na insistente demanda de sentido que ela tem dirigido ao poético. [...] Nesse sentido, “a poesia” não é exatamente aquilo que está em crise, mas é o nome da própria crise, daquilo que impõe e explicita a experiência do impasse e dá forma ao escrito, a qualquer forma de escrito, inclusive o da crítica literária.³

A relação entre poesia e resistência, tema que serve de amparo conceitual para os trabalhos aqui reunidos, é um caso particular do problema geral mapeado nas duas décadas passadas por Siscar e outros.⁴ Com efeito, o inquérito de Siscar implica justamente essa questão:

Nada mais significativo a esse respeito do que o apelo à resistência (“resistir à vulgarização do escrito”). O imperativo da resistência, assim como a cobrança ou a expectativa de projeto cultural, de interesse pelas grandes questões do mundo são marcas do discurso da crítica que iluminam seu próprio desejo de refundação.⁵

A expressão “resistir à vulgarização do escrito” evocada por Siscar é uma citação de outro ensaio do período, “O inconfessável: escrever não é preciso”, de Alcir Pécora, originalmente publicado na revista *Cronópios* em 2005 e republicado na revista *Sibila* em 2010. Nele, a questão da “crise da literatura” é colocada na medida em que se identifica uma “total falta de crise”. Nessa espécie de crise da crise, ou crise da experiência de crise (experiência fundamental, segundo Pécora, para a emergência de obras relevantes), desaparecia também

3 Siscar, 2010a, pp. 118-120.

4 Cf. Franchetti (2005) e Pedrosa (2013).

5 Siscar, 2010a, pp. 121-122.

a tensão, no campo social e estético, de que necessitava a literatura forte, restando apenas o “tráfego de banalidades” dos elogios mútuos trocados entre escritores e críticos nas páginas dos jornais:

A crise aqui é a total falta de crise. A desistência da crise é a matéria básica de que se formam os *bodysnatchers* durante o sono da crítica. [...] O sistema de tráfego de banalidades está completo. O escritor “qualquer coisa” encontra seu crítico sem crise. Admiram-se, respeitam-se, amam-se.⁶

Hoje essas questões parecem um tanto fora de moda; na introdução a uma antologia recente, por exemplo, o organizador Gustavo Silveira Ribeiro descreve o período antologizado (2008-2018) como um “momento em que a poesia ocupa posto-chave dentre os discursos sociais contramajoritários do país, disseminada nos mais variados espaços”.⁷ A definição é em tudo diferente daquela com a qual, cada um à sua maneira, Pécora e Siscar se defrontavam anos antes. Do mesmo modo, a partir da segunda década do século, e em especial depois de 2013, acompanhando a crescente politização do país, a poesia parece ter encontrado nova ressonância histórica, voltando a gozar da relevância social que aparentemente havia perdido nos anos anteriores; outra antologia, de 2017, se chamava *50 poemas de revolta* e recobria um arco que ia do modernismo de 22 aos dias atuais, no que se vê que a relação entre poesia e mundo político deixava de ser problemática. Em tudo isso, o cenário é bastante distinto daquele da primeira década do milênio.

Contudo, a questão não parece ainda inteiramente resolvida, e, se é verdade que estamos agora em um momento no qual a literatura e a poesia têm novamente alguma centralidade, ainda que restrita e

6 Pécora, 2010.

7 Ribeiro, 2020, p. 10.

relativa, para a vida cultural brasileira, cumpre mais do que nunca perguntar o que significa, para nós, a esta altura, dizer que há uma relação entre literatura e sociedade. Desse modo, ao nos perguntarmos hoje que sentido pode ter a ideia de uma poesia e de uma crítica que “resistem”, estamos nos perguntando no fundo se a noção de resistência ainda guarda lastro crítico. A essa pergunta, e aos impasses que dela se desdobram, dei o nome de *dificuldade*. A dificuldade que procurei delinear nas próximas páginas – menos com ambição de edificar um novo conceito e mais na intenção de nomear um impasse – não é, assim, a suposta incapacidade dos poetas e dos poemas para tratar das grandes questões do nosso tempo, mas uma dificuldade *poética*, no sentido que Siscar empresta ao termo, e, portanto, uma dificuldade também crítica. Embora Siscar não o articule assim, ela também diz respeito à constatação, na virada do século, de que o Brasil havia dado termo ao seu processo formativo, e de que o sentido da sua formação era, na verdade, a sua incapacidade de se formar, consciência nuclear da tradição dialética brasileira,⁸ e que serve de prisma para ler as obras de alguns autores contemporâneos. Em parte, ela diz respeito também ao lugar que uma consciência poética produzida na disformia periférica do sistema ocupa na terra arrasada do capitalismo mundial.

A obra de Alfredo Bosi, até onde vejo, é aquela na qual o problema da resistência se pensou de maneira mais consequente em conjunção com essas duas dimensões, nacional e global. Razão pela qual, antes de nos perguntarmos se os poemas contemporâneos resistem ou não – e a quê? –, temos de nos perguntar o que significa resistir, como funciona esse conceito na sua formulação bosiana, de onde ele vem, quais as suas virtudes e limitações e, finalmente, se ele é o melhor conceito que temos à disposição para capturar a relação entre literatura e sociedade hoje. Se Siscar saía do imobilismo que diz *crise*

8 Oliveira, 2003; Caux & Catalani, 2019; Canettieri, 2020.

e punha em ação o dinamismo que pergunta *crítica?*, o que sugiro aqui é seguir esse movimento e levá-lo em direção ao *conceito* que, a meu ver, é a pedra angular do problema, levando a cabo a avaliação interna da ideia de resistência, a qual busco empreender no ensaio que abre este volume.

O que quero chamar de “dificuldade” nomeia um fenômeno objetivo, de que procurei apenas dar os contornos: trata-se do esvaziamento histórico do conceito de resistência. Esse esvaziamento, por sua parte, não implica a sua inoperância, pois esse é o paradoxo que interessa: a resistência é na verdade, hoje, o modo normal de mediação da cultura socialmente implicada com o mundo à sua volta. Uma resistência, entenda-se, em sentido fraco do termo, que significa apenas – o que não é pouco – imposição de freios contra o avanço destrutivo do progresso, da espoliação e da predação às quais tende o capitalismo, um tanto à maneira como Antonio Candido entendia, provocativamente, o sentido histórico do socialismo ao caracterizá-lo como uma “doutrina triunfante”.⁹ Contudo, ainda que a ideia de que a cultura “resiste” seja moeda corrente e mesmo expressão comum, pouco se reflete sobre o que significa, a rigor, “resistir”: como funciona essa ideia, do que ela é feita, em que contexto surgiu como mediadora privilegiada da relação da cultura com o mundo social – em suma, para repetir a formulação de Roberto Schwarz, quais os “altos e baixos” da sua atualidade?¹⁰ Na falta dessa reflexão, o que corre risco de se esvaziar é o sentido forte de “resistência”, propriamente conceitual.

Os ensaios que compõem este livro foram escritos a partir da intuição crítica inicial que descrevi acima. Ao mesmo tempo, são peças independentes, cada qual às voltas com os seus próprios objetos e com os problemas particulares que estes impõem à leitura. As técnicas

9 Candido, 2011.

10 Schwarz, 2005.

de leitura e as referências mobilizadas variam conforme o caso, ao passo que o amparo teórico de fundo permanece relativamente constante; do ponto de vista técnico, o método é sempre o da constelação entre crítica literária e análise social. É preciso explicar, por fim, que me permiti a inclusão de dois textos nos quais os objetos não são a poesia, mas o romance e o teatro. Em ambos, contudo, também creio ver a poesia em dificuldade, aqui entendida não como gênero, mas no sentido mais amplo, ao qual aludi há pouco, de uma dificuldade poética, isto é, do fazer crítico e literário. Guardadas as devidas distorções que se devem observar ao deslocar o olhar entre objetos de naturezas diferentes, creio que parte das intuições que me moveram a pensar as dificuldades da poesia também se aplicaria à prosa e à dramaturgia. Ao menos é o que os ensaios finais deste livro pretendem sugerir.

DIFICULDADE DA POESIA

Nem sempre a relação entre cultura e política se pensou através da ideia de resistência. Na poesia, um dos primeiros usos significativos desse termo diz respeito ao contexto da resistência francesa à ocupação nazista nos anos 1940, a partir da qual se pode falar em “uma mudança de perspectiva da ideia de poesia *durante* a Resistência para uma concepção de poesia como *ela mesma* constituindo um ato de resistência”, chave de leitura proposta por Yasmine Getz na sua análise do período.¹ Essa não é uma mudança sem consequências; ao longo da segunda metade do século XX será paulatinamente em torno desse significante que se organizará a potência de engajamento da poesia nas demais partes do mundo, e sobretudo nos contextos das ditaduras militares da América Latina dos anos 1960-1970.

No Brasil, até os anos 1950, o termo que indicava o engajamento dos poetas com as causas sociais era “participação”: esse é o termo encontrado no Drummond politizado,² ou no “salto participante” dos

- 1 Getz, 2002, p. 51. Para uma reflexão sobre as origens filosóficas da ideia de resistência na modernidade e suas implicações em relação à poesia, ver também o artigo de Célia Pedrosa, “A resistência, o irresistível e a poesia em crise de Marcos Siscar” (Pedrosa, 2013).
- 2 No Drummond dos anos 1940, o que resiste é Stalingrado, uma resistência que permanece no plano militar do esforço de guerra. A expressão “Stalingrado resiste”, por sua vez, aparecerá anos mais tarde no *Poema sujo* de Ferreira Gullar, de 1975.

concretistas do grupo Noigandres; quando, em 1954, no *Itinerário de Pasárgada*, Manuel Bandeira quer prestar contas da sua rara adesão à poesia política, ele o faz nos seguintes termos: “intenso é o meu desejo de participação, mas sei, de ciência certa, que sou um poeta menor”³. É apenas a partir de meados dos anos 1960 – 1964 é o ano-chave – que uma nova relação entre poesia e política começa a operar, tanto na produção poética quanto na reflexão sobre ela. Comparando um poema de José Paulo Paes, de 1958,⁴ com poemas escritos nos anos 1960 e 1970 por poetas perseguidos pela ditadura, na introdução à antologia *Poemas para exumar a história viva* (2021), Alberto Pucheu, organizador da coletânea, sublinha essa transição:

Se, ao mostrar a expectativa política por justiça social, [José Paulo Paes] terminou o poema com os versos contundentes do “envio”, anos depois houve um salto dado pelos poetas aqui escolhidos – tornando a relação entre poesia, política e vida evidentemente mais complexa [...]: um salto para o real, uma poesia na qual, em seu elemento simbólico, a linguagem está de fato em atrito com o real.⁵

Entre outros aspectos, é notável nesses poetas dos anos 1960, frequentemente ligados à guerrilha e à luta armada, a conjugação entre poesia e armas, talvez a figura mais contundente do que Pucheu chama de um “salto para o real”. Com especial força, essa sobreposição entre vida, luta e palavra aparece nos poemas “Ao Suzico” e “Tempo de decisões”, de Luiz Eurico Tejera Lisbôa, poeta e militante da ANL assassinado em 1972, aos 24 anos:

3 Bandeira, 1984, p. 120.

4 O poema de Paes é “Baladilha”, e termina com os versos: “Homem, não seas / Pássaro nostálgico, / Cão ou boi servil. / Levanta o fuzil / Contra o outro homem / Que te quer escravo. / Só depois disso morre” (Paes *apud* Pucheu, 2021, p. 3).

5 Pucheu, 2021, p. 3.

AO SUZICO

Meu filho

Escrevo agora estes versos para que
saibas algum dia
que estas mãos que empunham a
metralha

e semeiam a morte
este olhar resoluto de soldado
têm algo mais que o impulso
mercenário

e o querer individual
para que saibas que estas mãos
escreveram versos

que estes olhos vislumbraram
a beleza de um outro dia
e este peito coberto de cicatrizes
já abrigou a paixão e o amor
para que saibas
que desde o primeiro passo
fui presa até a última fibra
da poesia

E que a metralha e a luta
são em tempo certo
o meu maior poema
a grande mensagem de um artista.

TEMPO DE DECISÕES

Este é um tempo de decisões
O canto certo
tem que ser direito
e atingir como uma bala de fuzil

A palavra deve ser uma arma
sem requintes inúteis
de funções evidentes
claramente parcial
e partidária
para ser contundente
e ser na História.
[...]⁶

Outro elemento que se nota, lendo a antologia, é o importante papel que a poesia ocupou no seio das organizações de resistência à ditadura. Saltam aos olhos a quantidade de poemas escritos sobre a guerrilha e de dentro dela, a amplitude das ambições poéticas dos guerrilheiros, a agudez com que refletem sobre os impactos da luta armada nas próprias concepções de poesia – suas e da tradição – e a profundidade com que meditam sobre os conflitos pessoais do poeta que decide pegar em armas. Todos esses elementos se apresentam como evidências de que a mudança de correlação política e o envolvimento com a resistência transformaram profundamente a poesia desses autores, e de que, por outra parte, a escrita de poemas em meio à guerrilha foi decisiva para que o escopo histórico e simbólico da luta viesse à tona para os seus próprios agentes. Nesse contexto, a poesia emerge não apenas como simbolização dos conflitos pessoais e coletivos de um determinado momento na história de um país periférico sob regime autoritário, mas como prática que efetivamente incide nos modos da organização política e na constituição dos sujeitos que deles participam.

Em que pese o fato de que os poetas antologizados por Pucheu foram todos perseguidos, presos, torturados ou mesmo assassinados pela ditadura militar, e que muitos deles, como Lisbôa, estiveram

6 Lisbôa *apud* Pucheu, 2021, pp. 36 e 38.

diretamente envolvidos com a guerrilha e a luta armada – o que representa um recorte específico da produção poética do período –, a observação de um “salto para o real” parece pertinente para captar a transformação ocorrida na relação entre poesia e política após o golpe de 1964, ruptura a partir da qual a ideia de resistência, nas suas mais variadas modulações, passa a ocupar o primeiro plano como conceito organizador dessa relação. Pucheu, ademais, é bastante arguto ao observar que a poesia produzida por autores que resistiram ativamente ao regime militar através da luta armada foi largamente esquecida pela historiografia literária brasileira, que tende, segundo o autor, a cobrir o percurso que vai do concretismo à poesia marginal como uma paulatina despolitização da poesia, a qual estaria, a partir dos anos 1970, mais interessada na vida individual, ou no máximo na vida em turma, como último território de liberdade contra o regime opressor. Ao mesmo tempo, é evidente que a recuperação daquele momento da história literária não se faz apenas para emendar uma falha historiográfica ou crítica, mas se dá no contexto específico das recentes derrotas da esquerda brasileira, desencadeadas em 2016 e aprofundadas em 2018. A projeção do atual momento sobre o passado da ditadura e, por extensão, a projeção das atuais formas de resistência sobre o heroísmo da luta armada – projeção que a antologia faz muito especialmente no projeto gráfico –, ao fim e ao cabo, dizem tanto sobre o presente quanto sobre o passado. Com efeito, a partir de 2016 é notável uma transformação na iconografia da esquerda, que passa a incorporar ostensivamente elementos do seu passado de resistência armada; a conversão em bandeira das imagens de Dilma Rousseff e de Lula presos pela ditadura quando jovens é o exemplo mais icônico. Como Rodrigo Nunes observou, tratava-se e trata-se de uma maneira de buscar equiparar as duas derrotas (a de

1964 e a de 2016) e, por consequência, de não olhar para o que havia de menos heroico na segunda, em relação à primeira.⁷

Seja como for, é preciso distinguir entre a resistência tal qual aparece nos poetas da antologia – fruto do envolvimento empírico dos autores com as lutas contra o regime, e que, como se vê em Lisboa e em outros, incide por sua vez na concepção de poesia que será praticada por eles – e resistência como conceito crítico, que diz respeito à possibilidade de ler um leque amplo de poemas não necessariamente políticos nessa chave. A partir daqui, será sobretudo a resistência como conceito que nos interessará. O conceito de resistência dá conta, evidentemente, de interpretar poemas explicitamente políticos, mas – este é o seu salto decisivo – não se restringe a eles. Trata-se, desse modo, de avaliar o conceito que captura uma poesia não necessariamente *de* resistência, mas concebida *como* resistência.

Enquanto na guerrilha poesia e resistência se alimentavam mutuamente, no âmbito acadêmico a conceituação dessa relação também se deu durante a ditadura. Na teoria, o momento-chave do processo de assimilação dessa ideia é o capítulo “Poesia resistência”, em *O ser e o tempo da poesia*, de Alfredo Bosi, publicado em 1977. Décadas mais tarde, em *Dialética da colonização*, publicado em 1992, Bosi recapitularia o período em que uma “cultura de resistência” (na sua expressão recorrente) passou a atuar no pensamento brasileiro, identificando o seu aparecimento como reação à insuficiência apresentada então pelo estruturalismo:

7 “Não deixa de ser revelador que as duas imagens que passaram a dominar a iconografia petista da prisão de Lula em diante sejam fotos históricas dele e de Dilma na resistência à ditadura nos anos 1970. É como se a única maneira de lidar com o trauma recente fosse apagá-lo por completo, substituindo-o por um anterior, mais distante, menos ambíguo e incômodo” (Nunes, 2022, pp. 115-116).